

A desinformação como estratégia discursiva para a desqualificação das instituições de ensino superior públicas

Raquel Furtado de Mesquita¹
Maria Leidiane Tavares (orientadora)²

RESUMO:

Este trabalho propôs-se a investigar, com base nos modos de operação da ideologia (THOMPSON, 2009), a desinformação como estratégia de ataque às universidades via *WhatsApp* após o anúncio do corte de verbas para as instituições públicas de nível superior em abril de 2019. Para isso, coletamos publicações relacionadas às universidades através da ferramenta “monitor de *WhatsApp*”, que permitiu a identificação de textos e imagens, que são descontextualizadas da realidade, construindo narrativas falsas sobre eventos ou atividades, apresentando-as como ilícitas e amorais. A partir da análise das publicações mais compartilhadas, compreendemos que o compartilhamento dessas imagens visa desqualificar a “imagem” das universidades públicas perante a sociedade utilizando como estratégia o “expurgo do outro”, na figura dos universitários que refletem as instituições às quais pertencem. Percebemos ainda que o canal utilizado, o *WhatsApp*, permite maior proximidade entre os usuários, o que gera maior credibilidade sobre o que é recebido.

PALAVRAS-CHAVE: Universidades públicas; Modos de Operação da ideologia; Expurgo do outro; WhatsApp.

1. Introdução

As Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) permitiram uma integração mundial através de comunidades virtuais que se retroalimentam e se fortalecem tanto como ferramentas, como enquanto processos (CASTELLS, 2002). Essa interconexão mundial faz surgir o ciberespaço, que compreende a estrutura da comunicação digital e todas as informações que ela abriga (LEVY, 1999). Segundo Levy (1999, p. 127), “[...] do mais básico ao mais elaborado, três princípios orientaram o crescimento inicial do ciberespaço: a interconexão, a criação de comunidades virtuais e a inteligência coletiva”.

¹Graduanda em Letras-Língua Portuguesa na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

²Professora Dra. do curso de Letras-Língua Portuguesa na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

O conceito de aldeia global criado por Marshall McLuhan, em 1967, chamou atenção para as transformações que o surgimento de novos meios de comunicação promovia, sendo a eletricidade responsável por essa aldeia global, que passou a promover novas experiências sociais. Há uma convergência do fluxo de informações entre diversas plataformas de mídias digitais e o público migra entre elas à procura da que contemple as suas necessidades comunicativas (JENKINS, 2008).

As mídias sociais são utilizadas para comunicação e possuem o propósito de reunir pessoas, possibilitando a criação de grupos de acordo com um interesse em comum. Telles (2011) afirma que o conteúdo publicado nas redes sociais da web não pode ser “controlado”, e sua viralização está relacionada à identificação ou relevância que o usuário tem na plataforma, ou seja, ao seu capital social, é ele quem define a influência que cada um tem na rede e vai determinar o alcance de uma publicação.

O *WhatsApp* possui um caráter mais íntimo, pois, a maioria das pessoas que possuem o número de *WhatsApp* de alguém e o utilizam para interagir na plataforma, são pessoas que possuem relações mais próximas (BAPTISTA et al. 2019), a quem se confia a possibilidade de um contato imediato, apesar de ninguém ser obrigado a responder instantaneamente. Os contatos podem ser divididos entre: familiares, amigos, trabalho e desconhecidos (para resolução de tópicos específicos). Tais relações de confiança atribuem às mensagens recebidas menor grau de desconfiança, tendo em vista os laços sociais que quem recebe possuem com a fonte de distribuição da informação (BAPTISTA et al. 2019).

De acordo com uma pesquisa³ realizada pela Câmara dos Deputados e pelo Senado, 79% dos entrevistados informaram receber notícias via *WhatsApp* e o apontaram como a principal fonte de informação. Além dela, outras redes sociais da web foram citadas, mas apenas o *WhatsApp* superou a maior representante dos meios de comunicação tradicionais, a televisão, com (50%). Já o relatório “Digital in 2019⁴” da *We Are Social* e da *Hootsuite*, agências internacionais de marketing social, que analisa os dados sobre o mundo digital de mais de 230 países até janeiro de 2019, aponta o *WhatsApp* como o aplicativo móvel com o maior número de usuários ativos mensalmente. O aplicativo detém mais de 136 milhões de usuários brasileiros.

3

<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-12/whatsapp-e-principal-fonte-de-informacao-do-brasileiro-diz-pesquisa> (Acesso em 17/01/2020)

⁴ <https://datareportal.com/reports/digital-2019-brazil> (Acesso em 17/01/2020)

O relatório *Free to Think*⁵, publicado em novembro de 2019, estampou em sua capa uma foto de um aluno segurando uma placa com a inscrição "EU DEFENDO A EDUCAÇÃO", em protesto realizado no Rio de Janeiro contra os cortes de verbas do ensino superior anunciados pelo governo federal no final de abril de 2019. O documento, fruto de um estudo global que analisa os ataques ao ensino superior de 56 países, pela primeira vez contempla o Brasil com um capítulo cujo título é “*Assault on Brazil’s Higher Education Space*”⁶. O documento apresenta casos de ataque à educação superior em falas de governantes, mas também expõe casos de violência física, motivados pela promoção de discursos contra as “minorias” durante o período eleitoral de 2018.

As eleições brasileiras de 2018 foram marcadas pelo uso do *WhatsApp* como ferramenta de campanha política e disseminação de notícias, muitas delas criadas para prejudicar os adversários e fortalecer algum candidato. O grande volume de notícias falsas publicadas durante esse período muitas vezes impossibilitava aos usuários a identificação do que era real ou *fake news*. A consolidação desse fenômeno é atribuída por Gomes e Dourado (2019) pela emergência da nova direita, cujos alvos tornaram-se jornalistas, cientistas, professores e intelectuais.

O termo *fake news* ganhou força após a vitória de Donald Trump à presidência dos Estados Unidos da América, em 2016, cuja campanha foi marcada pela propagação de notícias falsas contra a candidata rival e seus apoiadores. É impossível datar o seu surgimento, provavelmente surgiu junto com a comunicação, pois, antes mesmo dos meios de comunicação de massa, já existiam os boatos. “Ingressando mais especificamente na definição de *fake news* em contexto digital, podemos observar um conjunto de práticas pseudo-jornalísticas ou baseadas na distorção mais ou menos voluntária de informações jornalísticas (chamadas de ‘verdades alternativas’), voltadas à desinformação e à deslegitimação dos saberes e atores institucionalizados”⁷ (CARDOSO et al, p. 17). Tais verdades alternativas têm sido amplamente difundidas com as facilidades para a produção e propagação de conteúdo nos meios digitais, dificultando a comprovação de veracidade dessas informações, a despeito do trabalho de agências de verificação como Agência Lupa, Aos Fatos, Comprove, Estação Verifica, etc.

⁵ Tradução nossa: Livre para pensar.

<https://www.scholarsatrisk.org/wp-content/uploads/2019/11/Scholars-at-Risk-Free-to-Think-2019.pdf> (Acesso em 17/01/2020)

⁶ Tradução nossa: Agressão ao espaço de ensino superior no Brasil.

⁷ As fake news numa sociedade pós-verdade: Contextualização, potenciais soluções e análise <https://obercom.pt/wp-content/uploads/2018/06/2018-Relatorios-Obercom-Fake-News.pdf>

Em maio de 2019, após um anúncio de corte de verbas da educação⁸ o *WhatsApp* foi canal de diversas mensagens sobre as instituições públicas de ensino superior. A partir do contexto apresentado, este trabalho tem como objetivo investigar a desinformação como estratégia de ataques às universidades via *Whatsapp*. A fim de atingir o objetivo do trabalho, observamos as *fake news* sobre educação que foram compartilhadas via *WhatsApp* e apontamos os aspectos que fazem do *WhatsApp* uma ferramenta de deslegitimação das instituições de ensino, em especial a pública.

O presente artigo se organiza da seguinte maneira: na fundamentação teórica apresentamos diferentes conceitualizações de ideologia e os modos de operações gerais da ideologia propostos por Thompson; na metodologia descrevemos os procedimentos de coleta e análise; na análise apresentamos as cinco imagens mais compartilhadas sobre as universidades e identificamos as estratégias e as relações construídas entre elas no que diz respeito especificamente às *fake news* aqui focalizadas.

2. Fundamentação teórica

O termo ideologia surgiu em 1796 e foi “introduzido, originalmente, por Destutt de Tracy como um rótulo para uma suposta ciência de ideias” (THOMPSON, 2009, p. 43). O autor buscava entender a geração, combinação e consequências das sensações e das ideias de forma sistemática. Rapidamente a palavra passou a ser utilizada na política, como ferramenta da linguagem.

Para Tracy, conhecemos as coisas através das ideias geradas a partir das sensações que elas nos promovem, não sendo possível conhecê-las em si mesmas. A análise sistemática dessas impressões criaria uma base de conhecimento científico, capaz de servir de base para diversas áreas, tais como a educação, a lógica, a moralidade, a gramática e as artes, servindo como reguladora da sociedade. A essa sistematização ele chamou de ideologia, o que viria a ser a “primeira ciência”, capaz de compreender a natureza humana e, dessa forma, reestruturar a ordem política e social (THOMPSON, 2009).

Com o passar do tempo o termo passou a ter diferentes sentidos, “deixou de se referir apenas à ciência das ideias e começou a se referir também às ideias mesmas, isto é, a um corpo de ideias que, supostamente, seria errôneo e estaria divorciado das realidades práticas da vida política” (THOMPSON, 2009, p. 48). Ideologia passou a ter um sentido abstrato, de

⁸ Notícia sobre o corte de verbas anunciado pelo ministro da educação: <https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral/mec-cortara-verba-de-universidade-por-balburdia-e-ja-mira-unb-uff-e-ufba.70002809579> (Acesso em 10/01/2020)

ideias ilusórias, sendo ridicularizada por isso. Marx se referiu ao termo como “instrumento crítico”, parte fundamental de uma estrutura teórica, dando diferentes significados de acordo com os movimentos de pensamento a qual se referia. Para Thompson (2009), Marx apresenta diferentes concepções de ideologia, que podem ser classificadas como: polêmica, epifenomênica e latente.

Em 1932, Marx e Engels escreveram o livro “A ideologia alemã”, nele o termo ideologia é expresso de forma polêmica, pois a ligação a ele evoca algo errado, “nesse sentido, é uma doutrina teórica e uma atividade que olha erroneamente as ideias como autônomas e eficazes e que não consegue compreender as condições reais e características da vida sócio histórica.” (THOMPSON, 2009, p.51). Essa concepção está relacionada ao estudo científico sócio-histórico do mundo, à ordem do trabalho e à determinação social.

Posteriormente, Marx e Engels abordam a relação entre classes com a produção e disseminação de ideias, dando ao termo ideologia um papel mais amplo na definição da estrutura social e sua variação histórica. Essa concepção é descrita como epifenomênica por conceber a ideologia como oriunda e dependente das “condições econômicas e das relações de classe e das relações de produção de classe” (THOMPSON, 2009, p. 54). Para essa concepção, ideologia é um conjunto de ideias que representa a “classe dominante”, mas que revela as relações de forma dissimulada (THOMPSON, 2009).

Há ainda a concepção latente de ideologia que a entende como um sistema de modelos que ampara relações de dominação de classes conduzindo as pessoas ao passado ou para ideais e imagens que encubram as relações de classe e evitam a busca por mudança social. Essa concepção se destaca pela manutenção das relações sociais, impedimento de mudanças sociais e disseminação de construções simbólicas. “É uma concepção que nos obriga a examinar as maneiras como as relações sociais são criadas e sustentadas por formas simbólicas que circulam na vida social, aprisionando as pessoas e orientando-as para certas direções” (THOMPSON, 2009, p. 62).

Após as diferentes conceituações apresentadas por Marx, ideologia passou a ser estudada nas disciplinas que surgiam das ciências sociais. Nos trabalhos de Marx, independente da conceituação, a ideologia tinha um sentido contraditório, negativo, abstrato e ilusório. “Ideologia, para Marx, é sintoma de uma doença, não a característica normal de uma sociedade sadia e muito menos uma medicina para a cura social”. Posteriormente, o termo deixou de ter sentido negativo ao ser “neutralizado”, mas manteve o sentido pejorativo no campo do discurso social. Essa neutralização foi a generalização da concepção epifenomênica

de ideologia, na tentativa de elaborar estratégias de luta de classe em determinado cenário sócio histórico.

Lenin, analisando a situação política polarizada na Rússia, na virada do século, argumentou a favor da elaboração de uma “ideologia socialista” que iria combater a influência de uma ideologia burguesa e evitar os perigos daquilo que ele chamou de “consciência sindical espontânea.” Lenin estava interessado em enfatizar que o proletariado, abandonado a si mesmo, não desenvolveria uma ideologia socialista genuína; ao contrário, ele permaneceria preso pela ideologia burguesa e preocupado com reformas parciais. (THOMPSON, 2009, p. 63).

Dessa forma, Lenin utiliza o termo ideologia, de forma generalizada, para representar as ideias expressadas por diferentes classes envolvidas em um conflito, como manifestação de seus interesses. Com isso, o termo perdeu o sentido negativo empregado nas concepções de Marx expostas através da assimetria das relações de poder (THOMPSON, 2009).

Mannheim, interessado em elaborar um método para estudar o conhecimento e o pensamento social e as suas condições de produção, destacou que o pensamento é parte do processo social e histórico e assim deve ser compreendido, passando a preocupar-se posteriormente com a análise dos fatores culturais que promovem mudança social, em especial os aspectos pedagógicos. Para ele, Marx instaura uma transição de um conceito particular para uma concepção total de ideologia, sendo a primeira pertencente ao nível das mentiras, expressando ceticismo sobre as ideias e os pontos de vista dos adversários. Já a concepção total se refere à análise de uma estrutura global mental de um grupo em determinada época (THOMPSON, 2009). “A concepção particular permanece ao nível das pessoas engajadas na decepção e na acusação, enquanto que a concepção total tem a ver com os sistemas coletivos de pensamento, que estão relacionados a contextos sociais.” (THOMPSON, 2009, p. 66).

Ao relacionar doutrinas teóricas e filosóficas e ideias à posição social de seus adversários, baseando-se na conjuntura sócio histórica das classes que representavam, Marx iniciou a transição de uma concepção particular de ideologia para uma concepção total, mas o fez de forma unilateral, preservando características da concepção particular ao depreciar o pensamento burguês, criticando os seus opositores sem realizar uma autocrítica de seu próprio pensamento. A isso Mannheim chama de *formulação especial* da concepção total de ideologia. Já a *formulação geral* é feita com a inclusão da análise dos pontos de vista do analista.

‘Ideologia’, de acordo com essa ‘formulação geral’, pode ser tomada como os sistemas interligados de pensamento e modos de experiência que estão condicionados por circunstâncias sociais e partilhados por grupos de pessoas, incluindo as pessoas engajadas na análise ideológica.” (THOMPSON, 2009, p. 67).

Essa definição buscava fugir do partidarismo empregado ao termo e se aproximar da concepção total de ideologia. A partir daí passou a representar um método de pesquisa, também descrito por Mannheim como “sociologia do conhecimento”, visando analisar todos os fatores que influenciam o pensamento. Ele contrapõe essa nova concepção de ideologia ao conceito de “utopia”, sendo elas entendidas como “incongruentes” ou “discordantes” da realidade (THOMPSON, 2009).

Baseado nas formulações anteriores e visando apresentar uma formulação própria, Thompson (2009) distingue os conceitos de ideologia em dois tipos: “concepções neutras de ideologia” e “concepções críticas de ideologia”. Ideologia, para as concepções neutras, é um aspecto da sociedade que não se destaca entre os demais. Elas caracterizam as situações como ideológicas, mas não obrigatoriamente ilusórias, e não objetivam manter ou transformar a ordem social. A ideologia é vista como ferramenta acessível a qualquer pessoa, independentemente de seu posicionamento. Já as concepções críticas possuem um viés negativo. Para elas, o que é classificado como “ideologia” é ilusório, enganador, deve ser criticado, combatido e, se possível, derrotado.

Para Thompson, ideologia é um “sistema de crenças”, de práticas simbólicas que estão associadas às relações de poder que devem ser analisadas, ou seja, a forma que grupos e/ou pessoas que possuem posições de poder promovem o sentido a fim de reforçá-las socialmente. Para ele, “estudar a ideologia é estudar as maneiras como o sentido serve para estabelecer e sustentar relações de dominação” (THOMPSON, 2009, p. 76). Um fenômeno é ideológico quando é utilizado como instrumento de manutenção de uma relação de dominação. Esse fenômeno só pode ser analisado a partir de seu contexto social e histórico, podendo assim definir se há o estabelecimento ou manutenção de uma relação de dominação.

As relações de classe não são a única forma de dominação, elas são apenas “um eixo da desigualdade e exploração”. Há outras formas de dominação, além da dominação de classe, as relações sociais, seja entre mulheres e homens, nações e estados ou grupos étnicos, por exemplo. A proposta de Thompson é que ideologia está relacionada aos sentidos motivados por formas simbólicas que sustentam e estabelecem formas situações de dominação (independentemente do tipo). Para isso, é importante compreender os conceitos de sentido e dominação e como o sentido estabelece e sustenta as relações de dominação.

Ao estudar as maneiras como o sentido serve para estabelecer e sustentar relações de dominação, o sentido com o qual estamos interessados é o sentido das formas simbólicas que estão inseridas nos contextos sociais e circulando no mundo social. Por ‘formas simbólicas’, eu entendo um amplo espectro de ações e falas, imagens e textos, que são produzidos por sujeitos e reconhecidos por eles e outros como construtos significativos. (THOMPSON, 2009, p. 79)

As formas simbólicas e suas significações podem ser analisadas a partir de quatro aspectos típicos: intencional, convencional, estrutural e referencial. Thompson inclui ainda um aspecto à parte, o qual chama de “aspecto contextual”, que indica o contexto “socialmente estruturado” no qual as formas simbólicas estão inseridas. “Descrever esses contextos e processos como ‘socialmente estruturados’ é dizer que existem diferenciações sistemáticas em termos da distribuição ou do acesso a recursos de vários tipos.” (THOMPSON, 2009, p. 79).

A posição social e suas qualificações conferem múltiplos graus de poder ao indivíduo que as ocupa, que, baseado nos seus interesses, direciona as suas decisões a fim de alcançar os seus objetivos. Segundo Thompson, há “dominação” quando há assimetria sistemática nas relações de poder, ou seja, “[...] quando grupos particulares de agentes possuem poder de uma maneira permanente, e em grau significativo, permanecendo inacessível a outros agentes, ou a grupos de agentes, independentemente da base sobre a qual tal exclusão é levada a efeito.” (THOMPSON, 2009, 80).

O sentido estabelece e sustenta a dominação através da interação nas relações. Para identificar a relação entre sentido e poder, Thompson propõe *modos de operações* gerais da ideologia capazes de indicar algumas dessas relações como estratégia de construção dessa simbologia. Dessa forma, a ideologia pode operar através dos seguintes modos: ‘legitimação’, ‘dissimulação’, ‘unificação’, ‘fragmentação’ e ‘reificação’. Esses modos se reforçam e se sobrepõem reciprocamente, mas a ideologia não está limitada a eles, eventualmente podendo operar de outras maneiras a depender de suas particularidades.

A “**legitimação**” opera de forma a estabelecer e representar como justificativa das relações de dominação, apresentando-as como legítimas, ou seja, dignas de manutenção e apoio. Para isso,

[...] Weber distinguiu três tipos de fundamentos sobre os quais afirmações de legitimação podem estar baseadas: fundamentos racionais (que fazem apelo à legalidade de regras dadas), fundamentos tradicionais (que fazem apelo à

sacralidade de tradições imemoriais) e fundamentos carismáticos (que fazem apelo ao caráter excepcional de uma pessoa individual que exerça autoridade) (THOMPSON, 2009, p. 82).

Esses fundamentos visam embasar o uso da legitimação, a partir dos quais as pessoas percebem o sentido dessas relações. Uma das estratégias utilizadas para legitimação é a *racionalização*, por meio dela cria-se uma rede de raciocínio para justificar ou defender relações e instituições que visam propagar que são dignas do apoio de sua audiência. Também pode ser utilizada como estratégia a *universalização*, através da qual “contratos” institucionais estão a serviço e ao alcance de todos. A legitimação também utiliza a *narrativização*, para, através de histórias que promovam uma tradição, justificar como tradicional e permissível determinadas situações ou relações.

A “**dissimulação**” oculta, nega ou obscurece as relações de dominação representando-as de forma a desviar a atenção, amenizando ou encobrendo processos e relações existentes. A ideologia utilizada como dissimulação se expressa de diferentes formas simbólicas, e o *deslocamento* é uma das estratégias, consistindo no fato de conferir a uma pessoa ou objeto características de um outro, sejam elas positivas ou negativas. A *eufemização* também é empregada para manutenção de relações, ações ou instituições, sendo elas re-descritas para estabelecer reconhecimento positiva a elas. A dissimulação também se vale do uso figurativo da linguagem, que Thompson rotula de *tropo*. “Entre as formas mais comuns de tropo estão a sinédoque, a metonímia e a metáfora. Todas elas podem ser usadas para dissimular relações de dominação.” (THOMPSON, 2009, p. 84). O uso de figuras de linguagem é eficaz por ser comum no dia a dia das pessoas, mobilizando referências pessoais e sócio históricas, reproduzindo, sustentando ou criando relações de dominação.

A “**unificação**” estabelece e mantém relações de dominação construindo uma unidade que concatena os indivíduos, estabelecendo uma identidade simbólica coletiva. Para isso, pode utilizar como estratégia a *padronização* (apresentada também como *standardização*) que utiliza formas simbólicas para estabelecer um padrão que pode ser aceito e compartilhado entre os indivíduos. A unificação também pode ser estabelecida através da *simbolização da unidade* ao utilizar símbolos materiais que auxiliam na construção de narrativas que contam a história coletiva e projeta um destino de determinado grupo.

As relações de poder também podem ser mantidas através da “**fragmentação**”, que atua dividindo grupos em indivíduos ou grupos menores que possam transformar uma situação ou exercer oposição a um alvo que é projetado como representação de ameaça ou

perigo. Essa construção simbólica pode ser feita através da *diferenciação*, que enfatiza características que distinguem grupos ou pessoas prejudicando o exercício do poder, ou através do *expurgo do outro*, que constrói um inimigo, descrevendo-o como mau e perigoso, sendo necessária a resistência coletiva para expurgá-lo.

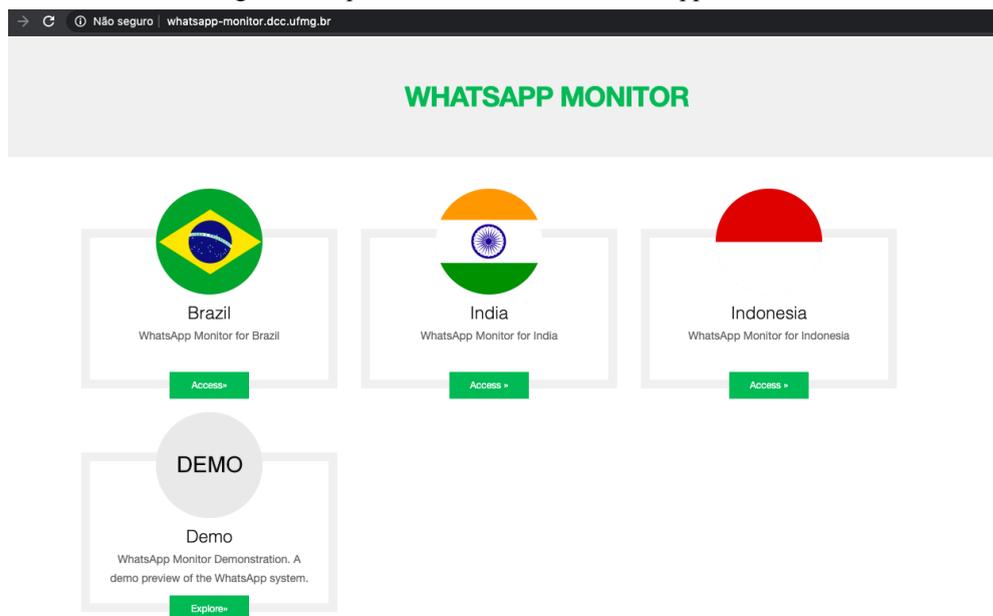
A “**reificação**” sustenta e estabelece relações de dominação através da retratação de algo histórico ou transitório, podendo eliminar ou ofuscar fenômenos restabelecendo uma “dimensão da sociedade”. Esse modo pode utilizar como estratégia a *naturalização*, retratando situações históricas construídas socialmente como naturais. Além dela, é possível utilizar como estratégia a *eternalização*, retirando o caráter histórico de determinadas situações que passam a serem apresentadas como recorrentes, permanentes e imutáveis. Há ainda o uso da *nominalização* e a *passivização*, que utilizam, respectivamente, recursos gramaticais e sintáticos para promover ou prejudicar determinados temas, a depender dos objetivos aos quais são empregados.

3. Metodologia

Realizamos a coleta do *corpus* através da ferramenta “*WhatsApp Monitor*”⁹ (Figura 1), uma das ferramentas do projeto “*Eleições sem Fake*”, desenvolvida pelo Departamento de Ciência da Computação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). O sistema monitora o fluxo de mensagens compartilhadas em cerca de 350 grupos públicos (acessíveis através de links publicados na internet) do *WhatsApp*, segmentando por imagens, vídeos, áudios, mensagens e links disponibilizadas a partir de um ranking decrescente, ou seja, apresentando primeiro as publicações mais compartilhadas. O acesso à plataforma é feito através de *login* e senha disponibilizados após contato com o coordenador do projeto.

⁹ whatsapp-monitor.dcc.ufmg.br

Figura 1: Captura da tela inicial do WhatsApp Monitor



Fonte: WhatsApp Monitor

A coleta foi realizada utilizando a busca por dia, considerando o período entre 30 de abril de 2019 e 15 de maio de 2019. Selecionamos as imagens que apresentam elementos que guardam relação com as instituições de ensino superior e poderiam representar uma imagem negativa para elas e seus alunos, mas, para as análises aqui descritas, consideramos apenas as cinco mais compartilhadas no dia do pico de compartilhamentos, 01 de maio de 2019.

Para investigarmos as estratégias de ataque às universidades utilizamos os modos gerais de operação da ideologia e algumas estratégias típicas de construção simbólica relacionadas a eles, ambos propostos por Thompson (2009), sintetizados na tabela a seguir.

TABELA 1 – MODOS DE OPERAÇÃO DA IDEOLOGIA

Modos Gerais	Algumas Estratégias Típicas de Construção Simbólica
<i>Legitimação</i>	Racionalização Universalização Narrativização
<i>Dissimulação</i>	Deslocamento Eufemização Tropo (sinédoque, metonímia, metáfora)
<i>Unificação</i>	Estandardização

	Simbolização da unidade
<i>Fragmentação</i>	Diferenciação Expurgo do outro
<i>Reificação</i>	Naturalização Eternalização Nominalização/Passivização

Fonte: THOMPSON, 2009, p. 81.

Identificamos as estratégias utilizadas a partir do contexto no qual as publicações estavam inseridas, tendo em vista o conceito de ideologia de Thompson que associa o termo às formas simbólicas que sustentam situações de dominação, ou seja, considerando o contexto no qual estão inseridas.

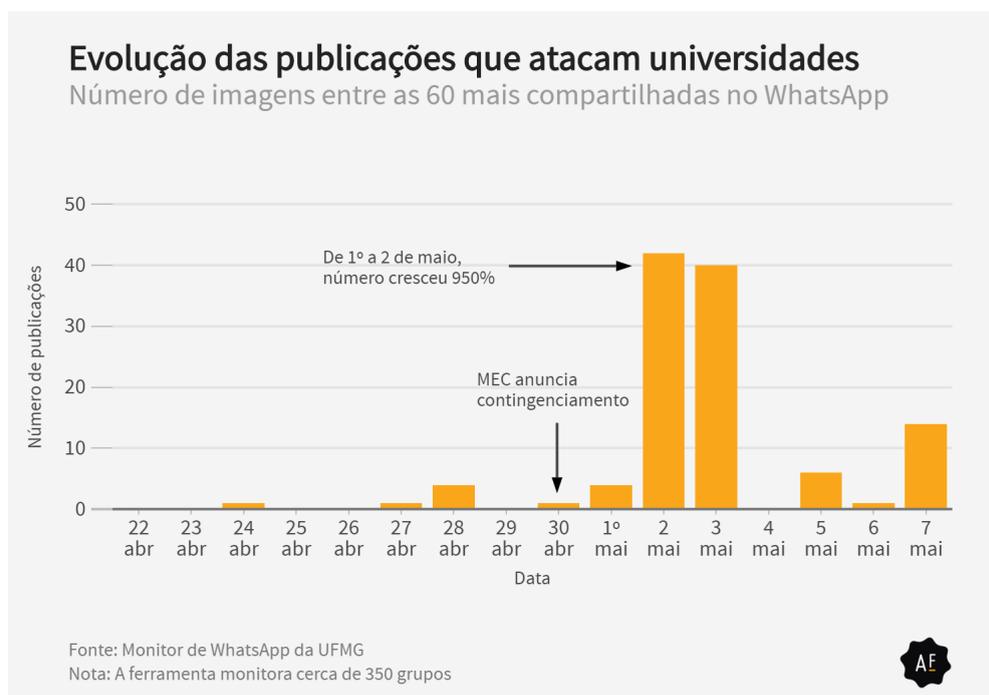
4. Análise

No dia 30 de abril de 2019, o Ministério da Educação (MEC) anunciou um corte de 30% da verba das instituições de ensino superior públicas. Inicialmente o anúncio era de que o corte seria destinado às instituições que não apresentassem o rendimento acadêmico esperado e que estivessem promovendo “balbúrdia¹⁰”, mas, posteriormente, a informação foi retificada para incluir todas as universidades públicas do país. Após o anúncio desses cortes, diversas publicações sobre essas instituições começaram a circular nas mídias digitais da web. No *WhatsApp* podemos verificar esse aumento através do gráfico “Evolução das publicações que atacam as universidades” (Figura 2).

¹⁰ De acordo com o dicionário Priberam (<https://dicionario.priberam.org/balb%C3%BArdia>) balbúrdia | s. f.

1. Barulho ou ruído provocado por muitas vozes juntas. = ASSUADA, VOZEARIA.
2. Confusão ou desordem barulhenta. = TUMULTO
Sinônimo Geral: ALGAZARRA

Figura 2: Evolução das publicações que atacam as universidades



Fonte: Aos Fatos ¹¹

O aumento dessas publicações após o corte de verbas não é coincidência, pois as publicações possuem conteúdos similares, apresentam imagens de jovens nus ou seminus, provavelmente, na tentativa de confirmar a “balbúrdia” comentada pelo ministro da educação. O compartilhamento de mensagens com conteúdo falso ou descontextualizado em grupos públicos é uma estratégia para maximizar o seu alcance, após esse procedimento, é provável que a viralização ocorra “organicamente”, ou seja, por meio dos usuários comuns.

O texto (Figura 3) refere-se a uma das imagens coletadas, mas não é possível identificá-la tendo em vista os filtros estabelecidos pelo *WhatsApp Monitor*. Possui conteúdo similar ao das publicações que foram analisadas, reforça ainda a fala do ministro da educação sobre os cortes, justificando-a com a narrativa da “balbúrdia das universidades” e utilizando a imagem que a acompanhava como “prova” desta.

11

<https://aosfatos.org/noticias/apos-cortes-no-mec-envio-de-imagens-de-estudantes-nus-cresce-950-em-grupos-de-whatsapp-em-24-horas/> (Acesso em 17/01/2020)

Figura 3: “Mensagem 0 (03. 05 .2019)”

MENSAGEM 0
 SOBRE O POLÊMICO CORTE DE VERBAS DAS UNIVERSIDADES. Pra você, que ficou o dia inteiro enchendo o saco depois que o Ministro da Educação Abraham Weintraub anunciou o corte de 30% das verbas da UnB, UFF e UFBA e ficou ironizando do que seria a BALBÚRDIA mencionada pelo Ministro, aí está uma pequena amostra da BALBÚRDIA que acontece sob os olhares omissos e permissivos da Administração. Temos que ter em mente que esses arruaceiros seguram as vagas GRATUITAS por 10, 12, 15 anos, de um curso que duraria 4, se eles estivessem aí ESTUDANDO e que quem paga toda essa zona somos nós. Essa vaga poderia ser sua, do seu filho, do seu neto. De alguém que queira e precisa estudar de verdade para mudar de vida e ajudar o país a desenvolver. PARABÊNS MINISTRO! Pela coragem, e que o MEU dinheiro seja direcionado aos verdadeiros alunos das federais, alunos que de fato estão estudando e evoluindo.

WhatsApp
Shares
 Total: 7
 Groups:7
 Users: 6
 EVALUATE
 GROUPS
 ON WEB
 x

Fonte: WhatsApp Monitor

As publicações analisadas a seguir possuem características similares às que compõem o *corpus* e visam expor a desinformação como estratégias de ataque às universidades via *WhatsApp*. Essas imagens, geralmente, são compartilhadas com um texto (conf exemplo acima) que reforça a desqualificação promovida com o compartilhamento de fotos sem a apresentação dos contextos em que foram feitas. Não foi possível analisar os textos enviados junto com as imagens, pois a ferramenta utilizada para coleta separa esses dados.

A primeira das imagens (nomeada como “Top Whatsapp Image 0”) do ranking de compartilhamentos do dia 02 de maio de 2019 não dá para ser analisada por estar oculta, apresenta apenas a informação de “conteúdo impróprio”. Com base nas demais publicações, acreditamos que a imagem faz parte do conjunto de imagens utilizadas para atingir às universidades. Ela teve 14 compartilhamentos nos seguintes grupos: Juventude Bolsonarista, Rede Bolsonarista TO, Política Ubirat, Bolsonaro 17 SE, Viva Pernambuco #, NOTCIAS BRASIL, PRESIDENTE BOLSONARO I, Bolsonaro 17 RN, Bolsonaro 17 RR, Direita Bolsonaro grupo14, BOALNARUS SUINNUS TAZANA, GOVERNA MITO MG, DIREITA BRASILEIRA17, Resenha Política. A maioria dos nomes dos grupos fazem alusão ao presidente Jair Bolsonaro, considerado direitista de linha ultraconservadora, cuja eleição foi marcada por falas de violência ou alusão à violência.

A “Top Whatsapp Image 1” (Figura 4) apresenta uma sala de aula com três jovens seminus em pé, além dele há outras pessoas vestidas sentadas os observando. É possível ler a palavra “Amazonas” em letras brancas, como identificação da universidade ou do estado, e abaixo, em vermelho, a frase “inscreva-se no canal”, o que nos leva a inferir que a imagem refere-se a captura de tela de um vídeo. Nessa imagem observamos a construção simbólica de

uma narrativização contrária à instituída socialmente para as universidades a partir dos três pilares: ensino, pesquisa e extensão. Segundo Thompson, “[...] as tradições são, muitas vezes, inventadas a fim de criar um sentido de pertença a uma comunidade e a uma história que transcende a experiência do conflito, da diferença e da divisão” (THOMPSON, 2009, p. 83). Na imagem a narrativa construída é a de que alunos frequentam as aulas seminus, diferentemente da imagem que as instituições de ensino superior têm comumente no imaginário brasileiro, a de instituições de prestígio, que diplomam bons profissionais.

Figura 4: “Top WhatsApp Image 1”

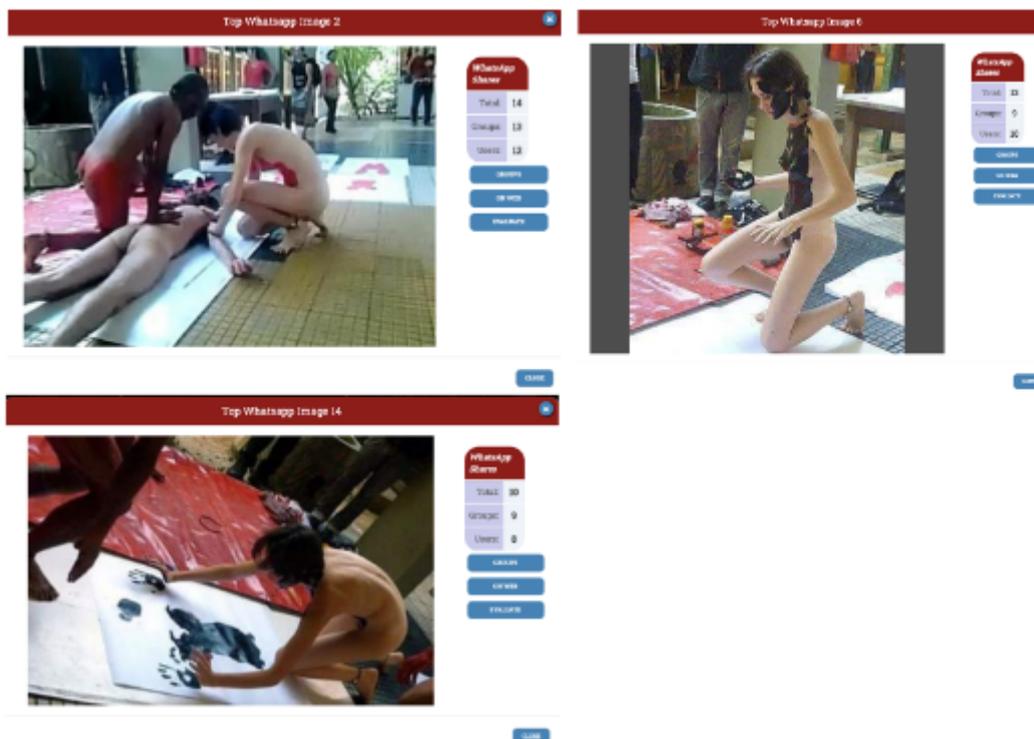


Fonte: WhatsApp Monitor

A “Top Whatsapp Image 2” (Figura 5) tem relação com as imagens “Top Whatsapp Image 6” e “Top Whatsapp Image 14” (ambas também na Figura 5), pois elas fazem parte do mesmo evento artístico, que, além do mesmo local, apresentam a mesma personagem nua com partes do corpo pintadas em vermelho ou preto. Na primeira imagem ela está acompanhada de mais dois personagens, nas demais ela utiliza a tinta e o corpo para se expressar. As publicações possuem, respectivamente, 13, 9 e 9 compartilhamentos e podem ter sido encaminhadas juntas ou separadas, mas independentemente disso o fato de dispor de personagens nus busca naturalizar a nudez como parte do cotidiano das universidades, pois, conforme Thompson, “processos são retratados como coisas, ou como acontecimentos de um tipo quase natural, de tal modo que o seu caráter social e histórico é eclipsado.”

(THOMPSON, 2009, p. 87). No caso, uma performance foi destituída de seu caráter social, com significado localizado historicamente, e naturalizada pela narrativa da deslegitimação como a realidade habitual das universidades, promovendo a mesma narrativa empregada na imagem da Figura 4.

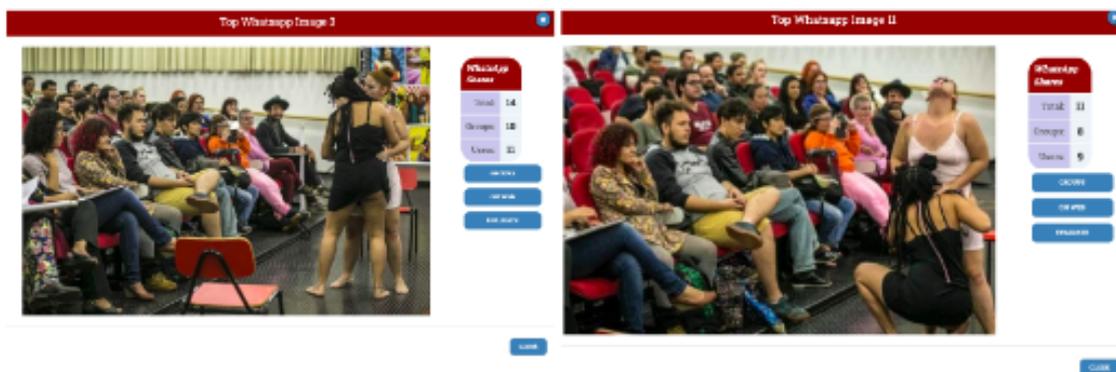
Figura 5: “Top WhatsApp Image 2, 6 e 14



Fonte: WhatsApp Monitor

Diferentemente das imagens anteriores, na “Top Whatsapp Image 3” e na “Top Whatsapp Image 11” (ambas na Figura 6), não há personagens nus. Na primeira, há uma platéia que observa um beijo entre duas mulheres, elas estão posicionadas à frente da sala, local onde geralmente ficam os professores, como se estivessem dando uma aula. A segunda imagem apresenta a sequência da cena anterior, nela uma das mulheres está abaixada simulando sexo oral na companheira. Inferimos que o compartilhamento dessas imagens visa gerar à comunidade a impressão de que as aulas das universidades possuem tais conteúdos. As expressões dos colegas são de naturalidade e atenção à performance, que, ao ser descontextualizada, fortalece o sentido de que o ensino superior público promove e incentiva atitudes que “ferem” a moral social.

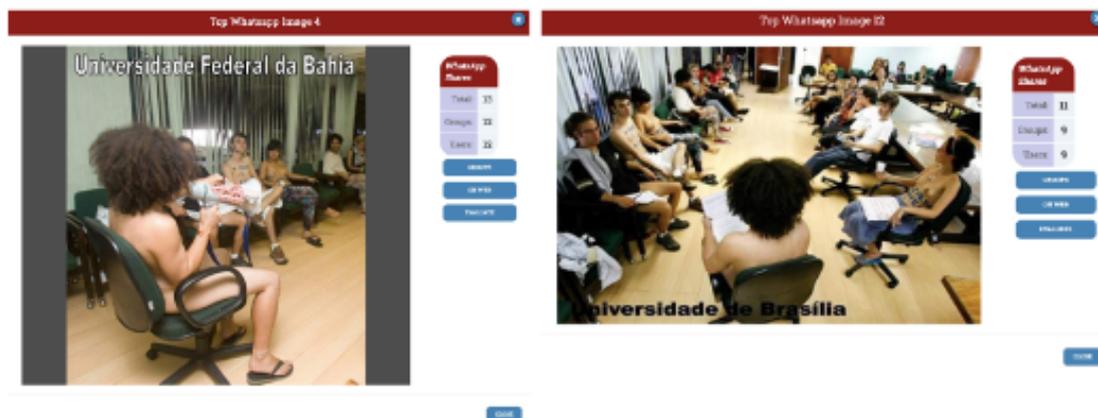
Figura 6: “Top WhatsApp Image 3 e 11”



Fonte: WhatsApp Monitor

O uso avulso e indiscriminado dessas imagens tem o intuito de fortalecer a fala do ministro sobre a “balbúrdia” dos universitários e das universidades. Essas imagens poderiam ser verificadas através de uma busca pelas fontes das informações e, algumas *fake news*, se recebidas juntas, podem gerar dúvida ao receptor, como é o caso da “Top Whatsapp Image 4” e “Top Whatsapp Image 12” (ambas na Figura 7), que representam a mesma cena e os mesmos personagens, mas possuem identificação de locais diferentes. A primeira informa ser na Universidade Federal da Bahia enquanto a segunda possui o texto “Universidade de Brasília”, mas isso não garante que ao receber as imagens de forma separada o receptor vai distinguir essa informação sobre o local, muitas pessoas podem não conhecer os espaços dessas universidades e aceitar a informação dada como real.

Figura 7: “Top WhatsApp Image 4 e 12”



Fonte: WhatsApp Monitor

Independentemente do reconhecimento do local das imagens, percebemos que a construção simbólica desejada é a de que a “balbúrdia” não está relacionada apenas aos universitários, mas, também às universidades, atribuindo a elas um padrão que as unifica em

meio à narrativa de local onde há o ensino imoral, conferindo um efeito de naturalidade a esse sentido. Como observamos a seguir na “Top Whatsapp Image 5” (figura 8), que apresenta um corredor da Universidade de Brasília (UnB) de fácil identificação de quem conhece o local por ser grande e curvado (que devido ao seu formato é conhecido como “minhocão”). Na foto, os estudantes caminham nus em meio a outros estudantes vestidos que não demonstram incomodar-se ou espantar-se com as atitudes dos colegas, o que dá a entender que “caminhar pelado pelos corredores da universidade é algo normal”.

Figura 8: “Top WhatsApp Image 5”



Fonte: WhatsApp Monitor

Ao analisarmos as imagens, observamos que os modos de operação propostos por Thompson (2009) operam simultaneamente, pois suas estratégias podem ocorrer em uma publicação ou no conjunto delas, além disso uma estratégia pode servir de reforço para outra ou sustentá-la, conforme identificamos nas análises das imagens e expressas no esquema abaixo.

Figura 9: Estratégias de ataque às universidades



Fonte: As autoras

Conforme observamos no esquema acima (Figura 9), identificamos nas imagens analisadas duas narrativas (narrativização): uma estabelecida a partir dos pilares da universidade (ensino, pesquisa e extensão) e do prestígio dessas instituições, dignas do respeito da sociedade; e a outra representada pela fala do ministro da educação que afirma que a universidade é um local de “balbúrdia”. Para sustentar essa afirmação, é estabelecido um padrão (estandardização) de que em todas as universidades públicas federais os estudantes andam pelados e que as aulas incluem nudez. Essa estratégia somada à naturalização dessas atitudes, que comumente são condenadas pela sociedade, e legalmente consideradas “atentado ao pudor”, são utilizadas a fim de que haja o fortalecimento do “expurgo do outro” por fim, estratégia para qual os demais modos de operação da ideologia mobilizados convergem.

A nudez presente nas imagens visa construir simbolicamente a imagem de “balbúrdia” citada pelo ministro da educação, reforçada pelo exemplo de comentário enviado com as publicações ou a partir delas apresentado na figura 03. A desqualificação do ensino superior público visa o apoio ao corte orçamentário informado pelo governo. O uso de *fake news* para a promoção de narrativas construídas para sugerir que em universidades públicas são comuns o uso de drogas, práticas de nudez e orgias, geram o questionamento sobre a qualidade do ensino e a necessidade de correção de atitudes consideradas indecorosas pela “direita conservadora” que passou a governar o país em 2019.

5. Considerações finais

Neste trabalho, identificamos as estratégias de ataque às universidades através das *fake news* enviadas via *WhatsApp*, conforme o objetivo inicial. Para isso, adotamos, como categorias teórico-metodológicas, os modos de operação da ideologia e as estratégias comuns a cada modo, tendo em vista a necessidade de considerar o contexto no qual essas notícias falsas foram publicadas.

A descontextualização das imagens a fim de promover uma desqualificação das instituições de ensino superior públicas nos mostra que o uso de *fake news* para propagação da desinformação é uma estratégia discursiva eficiente para a promoção da imagem de “balbúrdia” dessas instituições conforme foram apresentadas pelo ministro da educação.

O governo federal atuando como parte ideológica do avanço de uma direita conservadora, marcado por incitação à violência e erros de gestão, desqualifica as instituições de ensino superior utilizando o expurgo do outro como principal estratégia, a fim de receber apoio da sociedade para a redução de verbas e, conseqüentemente, sucateamento do ensino público. Após a análise das imagens e do contexto sobre o qual elas circularam, a proximidade do governo do Brasil com o dos EUA, cujo presidente iniciou o uso do termo *fake news*, e essas publicações, inferimos que as instituições de ensino superior públicas estão ameaçadas.

A grande popularidade do *WhatsApp* no Brasil e a possibilidade de criação de grupos públicos facilita a propagação e, conseqüentemente, a viralização de notícias falsas. Tanto os grupos como as mensagens individuais podem ser utilizadas para fins de ativismo, podendo incluir as *fake news* como ferramenta de promoção ou destruição de ideias e imagens. Podemos inferir que a facilidade de uso do *WhatsApp* estimula as pessoas a compartilharem as publicações recebidas e a proximidade entre os usuários da plataforma repassa maior credibilidade às mensagens recebidas.

A pesquisa nos mostrou ainda que há muitas informações a serem analisadas no corpus coletado, podendo ser analisado sob diversas perspectivas. Sugerimos, assim, como pesquisas futuras a realização de análises à luz da semiótica, da análise do discurso crítica e dos estudos da metáfora, dentre outras perspectivas, visando buscar maior compreensão sobre as estratégias utilizadas nessas publicações e a forma como elas são apreendidas por quem as compartilha.

Referências

BAPTISTA, Erica Anita; ROSSINI, Patrícia; OLIVEIRA, Vanessa Veiga de; STROMER-GALLEY, Jennifer. A circulação da (des)informação política no WhatsApp e no Facebook. **Lumina**, v. 13, n. 3, p. 29-46, 30 dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/28667/20039>. Acesso em: 10 jan. 2020.

CARDOSO et al. **As fake news numa sociedade pós-verdade**: Contextualização, potenciais soluções e análise. 2018
<https://obercom.pt/wp-content/uploads/2018/06/2018-Relatorios-Obercom-Fake-News.pdf>
Acesso em: 17 jan. 2020.

CASTELLS, M.; MAJER, R. V.; GERHARDT, K. B. **A sociedade em rede**. Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

GOMES, Wilson da Silva; DOURADO, Tatiana. Fake news, um fenômeno de comunicação política entre jornalismo, política e democracia. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, v. 16, n. 2, p. 33–45, 11 nov. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2019v16n2p3>. Acesso em: 10 jan. 2020.

LE MOS, André. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: 34, 1999.

THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura Moderna**: Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 2009.

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]